

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Folha de São Paulo Class.: 71Data: 20.01.82 Pg.:

Caciques craós decidem fazer pacto com a Funai

BRASÍLIA — Os caciques Craós da reserva de Itacajá selaram, ontem, pelo menos temporariamente, a paz com a Funai, entregando ao presidente do órgão, coronel Paulo Leal, um revólver confiscado de uns dos seus funcionários, durante a rebelião daquela tribo na última semana. O cacique João Canuto só voltará à reserva, no entanto, depois de conhecer o paradeiro do ex-funcionário da Funai Paulo César da Silva, que teria sido preso pela Polícia Federal, durante a viagem a esta Capital.

Segundo Canuto, no início da semana passada, três agentes da Polícia Federal e dois da Funai invadiram seu barracão, armados, acusando os índios de trocarem maconha por bebidas com dois ex-funcionários da fundação, Paulo César da Silva e outro conhecido por "Gilberto".

Os índios, que "não suportam acusações mentirosas" — contou Canuto — mandaram os meninos da tribo "dar um couro" em dois agentes, apreendendo suas armas e refendo os cinco invasores.

ACUSAÇÕES

A Funai, informada sobre o episódio, enviou no fim de semana ao local o líder indígena Marcos Terena, presidente da União das Nações Indígenas, juntamente com o diretor do Departamento de Operações do órgão. Os emissários convidaram os chefes Craós a virem a Brasília para entendimentos com o presidente do órgão.

No encontro mantido ontem com o presidente da Funai, coronel Paulo Leal, os caciques desmentiram as acusações do delegado da instituição em Goiânia, Ivan Baiochi, que além da alegada troca de bebidas por maconha, afirmava que os ín-

dios entregavam suas filhas e esposas aos dois brancos, recebendo por isso presentes no valor de Cr\$ 500 mil cruzeiros.

Os chefes indígenas contaram que sua vinda a Brasília, juntamente com Paulo César, foi acertada em acordo com os emissários da Funai. Todos os caciques e Paulo César foram levados à cidade goiana de Guarai, às margens da rodovia Belém-Brasília, onde pegariam um ônibus, mas no momento do embarque, o ex-funcionário não apareceu, e ficou a suspeita de que fora sequestrado pela Polícia Federal.

Em face desse relato, o coronel Paulo Leal telefonou para a Polícia Federal, diante dos caciques, recebendo a informação de que Paulo César não tinha sido preso e que havia sido visto em Aragarina e Goiânia. Os índios consideraram curiosa a informação, pois Aragarina fica ao norte de Guarai, onde ele foi visto pela última vez, e Goiânia ao sul, a uma distância de cerca de 1.300 km. Por outro lado, se não havia interesse da DPF pela pessoa de Paulo César — questionam — como sua presença teria sido registrada nas duas localidades? Os caciques disseram ao presidente da Funai que Paulo César da Silva é amigo dos Craós, ajudando-os em suas plantações e lutando para o fim de atritos entre as tribos da reserva.

O coronel Paulo Leal prometeu abrir investigações, a fim de apurar todas as denúncias dos índios e solicitar provas das acusações feitas pelo delegado Ivan Baiochi, pois, segundo afirmou, "os caciques são chefes de nações e nenhuma acusação leviana pode ser feita às suas pessoas, que merecem o maior respeito humano".